

ALFAGUARA

Jamaica Kincaid

Lucy



Tradução de Alda Rodrigues

Foi o meu primeiro dia. Eu chegara na véspera, numa noite fria, de um cinzento-plúmbeo — como seria de esperar em meados de janeiro, embora eu na altura não soubesse —, nada discernindo com nitidez pelo caminho desde o aeroporto, apesar de haver luzes por todo o lado. No percurso de carro, chamavam-me a atenção para um edifício famoso, uma rua importante, um parque, ou uma ponte considerada espetacular quando fora construída. Num sonho que costumava ter acordada, todos estes lugares eram pontos de felicidade para mim; todos eram tábuas de salvação para a minha almazinha em risco de afogamento, porque me imaginava a entrar neles e a sair, e só isso — entrar e sair, uma e outra

vez — já me ajudava a suportar um mau pressentimento que não conseguia nomear. Sabia apenas que sentia algo parecido com tristeza, mas mais pesado. Quando finalmente vi esses lugares, pareceram-me triviais, sujos, desgastados pela multidão que neles entrava e deles saía na vida real, e ocorreu-me que não podia ser a única pessoa do mundo que desde sempre fantasiava com eles. Não era a primeira vez que me confrontava com o desapontamento da realidade, e não seria a última. Estreava as peças de roupa interior que trazia, compradas para a viagem, e, sentada no carro, contorcendo-me para ver bem a paisagem à minha frente, lembrei-me de como as coisas novas podem ser desconfortáveis.

Entrei num elevador, o que nunca tinha feito, e depois dei por mim num apartamento, sentada à mesa, a comer coisas tiradas do frigorífico. No sítio de onde vinha, sempre tinha morado numa casa autónoma, sem frigorífico. Todas estas experiências — subir de elevador, estar num apartamento, comer alimentos do dia anterior conservados num frigorífico — eram ideias tão boas, que de certeza me habituaría e aprenderia a gostar delas, mas no princípio era tudo tão novo, que tive de fazer um sorriso desanimado. Nessa noite, dormi bem, mas não por me sentir feliz e confortável — precisamente pelo contrário: por não querer processar mais nada.

Essa manhã, a manhã do meu primeiro dia, a manhã a seguir à primeira noite, foi de sol. Não era o mesmo sol amarelo-luminoso a que eu estava habituada, que fazia ondular os contornos de tudo, quase de medo, mas sim um sol amarelo-pálido, como que enfraquecido por se ter esforçado demasiado para brilhar; ainda assim, estava sol, o que foi agradável e me ajudou a sentir menos saudades de casa. Portanto, vendo o sol, levantei-me e pus um vestido, um vestido alegre, de madraço — do mesmo género que usaria se estivesse na minha terra e me preparasse para passar um dia no campo. Tudo errado. O sol brilhava, mas o ar estava frio. Afinal, estávamos em meados de janeiro. Mas eu não sabia que, apesar de o sol brilhar, o ar podia estar frio; nunca ninguém me tinha dito. Que sensação! Como explicar? Uma coisa que eu sempre soubera — do mesmo modo que sabia que a minha pele tinha o tom castanho de um fruto seco a que tivessem puxado o lustro várias vezes com um pano macio, ou que sabia o meu nome —, algo que tomava como absolutamente garantido («quando o sol brilha, está calor»), afinal não era. Já não estava numa zona tropical, e essa perceção entrou na minha vida como um curso de água dividindo terra antes seca e sólida, para criar duas margens, uma das quais era o meu passado — tão conhecido e previsível, que até a minha infelicidade nessa época me fez sentir feliz

naquele momento, só de pensar nela —, enquanto a outra era o meu futuro, esse vazio pardacento, uma paisagem marítima encoberta em que chovia, sem barcos à vista. Já não estava numa zona tropical e tinha frio por dentro e por fora; nunca sentira nada assim.

Já tinha lido livros em que — uma vez por outra, quando o enredo assim exigia — alguém sentia saudades de casa. Uma pessoa abandonava uma situação não muito agradável e ia para outro lado, um sítio bem melhor, mas depois tinha vontade de regressar ao lugar menos agradável. Que falta de paciência, a minha, para essa pessoa, por sentir que eu própria não estava numa situação muito agradável e que desejava ardentemente ir para outro lado. Naquele momento, porém, também eu senti que queria regressar ao sítio de onde viera. Compreendia esse lugar; quando lá estava, sabia onde estava. Se nessa altura tivesse de fazer um desenho do meu futuro, teria criado uma grande mancha cinzenta, cercada de preto, mais preto ainda, o mais preto possível.

Que surpresa foi o desejo de regressar ao sítio de onde vinha, o desejo de dormir numa cama já demasiado pequena, o desejo de estar com pessoas cujos gestos mais insignificantes e naturais me causavam

uma fúria tal, que desejava vê-las cair mortas aos meus pés. Oh, tinha imaginado que, de uma só penada — saindo de casa e vindo para este novo lugar —, deixaria ficar para trás, como uma peça de roupa antiga que nunca mais usaria, os pensamentos sombrios, os sentimentos de tristeza e o meu descontentamento com a vida em geral, tal como se me oferecia. No passado, a ideia de estar numa situação assim fora reconfortante; naquele momento, no entanto, já nem por essa possibilidade futura podia ansiar; por isso, deitei-me na cama e sonhei que comia salmonete-ruivo com figos pingo-de-mel em leite de coco, e que me sabia bem, não só por ter sido cozinhado pela minha avó, a pessoa de quem eu mais gostava no mundo, mas também por ser a minha comida preferida.

O meu quarto era uma divisão pequena, adjacente à cozinha — o quarto da criada. Estava habituada a quartinhos pequenos, mas este era diferente. Tinha um pé-direito muito alto e as paredes subiam a pique, delimitando o espaço como uma caixa — uma caixa adequada para embalar mercadorias enviadas para bem longe. Eu, no entanto, não era uma mercadoria. Não passava de uma jovem mulher infeliz, instalada no quarto da criada, embora nem criada fosse. Era a rapariga que toma conta das crianças e frequenta a escola noturna. Mas que simpáticos eram

todos comigo, dizendo que era como se fosse da família e que devia estar à vontade. Acreditei na sinceridade daquelas pessoas, sabendo que não diriam o mesmo a alguém que realmente pertencesse à família. No fim de contas, não será a nossa família constituída pelas pessoas que se tornam um fardo que carregamos durante a vida toda? No último dia que passei em casa, a minha prima — uma rapariga que eu toda a vida conhecera, uma pessoa antipática mesmo antes de os pais a terem obrigado a tornar-se adventista do sétimo dia — ofereceu-me, à laia de presente de despedida, a sua própria Bíblia, que usou para fazer um breve discurso sobre Deus, a virtude e as graças divinas. Naquele momento, tinha esse volume à minha frente, em cima da cómoda, e lembrei-me de como, quando éramos pequenas, a minha prima e eu íamos para baixo da minha casa e nos aterrorizávamos e atormentávamos mutuamente lendo em voz alta passagens do Livro do Apocalipse; perguntei-me se alguma vez, enquanto vivesse, essas pessoas que haviam ficado para trás — a minha própria família — deixariam de me aparecer, de algum modo.

Em cima desta cómoda, estava também um pequeno aparelho de rádio, que eu tinha ligado. Nesse momento, quase como que para resumir o que eu sentia, tocava uma canção com uma letra em que a dada altura se ouvia: «Põe-te no meu lugar, nem

que seja por um só dia; vê se consegues suportar este medonho vazio interior.» Entoei estas palavras para mim mesma várias vezes, como se fossem uma canção de embalar, e voltei a adormecer. Então, sonhei que pegava numa das minhas antigas camisas de noite de flanela, com um belo estampado com crianças a brincarem com enfeites de Natal. Estas imagens eram tão reais, que cheguei a ouvir as crianças a rir. Ansiosa por descobrir de onde vinha esta camisa de noite, examinei-a furiosamente, à procura da etiqueta. Encontrei-a precisamente onde as etiquetas costumam estar — atrás —, e dizia «Made in Australia». Quem me despertou deste sonho foi a verdadeira criada, uma mulher que, logo ao primeiro contacto, declarou que não gostava de mim, apontando como razão a minha maneira de falar. Intuí que devia ser por outro motivo, mas não percebi qual. Quando abri os olhos, a palavra «Australia» interpôs-se entre as nossas duas caras, e nessa altura lembrei-me de que era aí que se situava a prisão das pessoas más, tão más, que não podiam ir para a prisão do seu próprio país.

As horas do dia não tardaram a seguir uma rotina. Levava as quatro meninas para a escola, a pé; e ao meio-dia, quando elas regressavam, servia-lhes o almoço, com sopa de lata e sanduíches. De tarde,

lia para elas, brincava com elas. Quando não estavam, estudava e frequentava as aulas noturnas. Sentia-me descontente. Olhava para o mapa. Entre mim e o sítio de onde tinha vindo, havia um oceano, mas, mesmo se fosse só uma chávena de água, teria feito alguma diferença? Não podia regressar.

No exterior, estava sempre frio, e toda a gente comentava que era o inverno mais inóspito de que havia memória; o modo como as pessoas falavam, porém, sugeria que no inverno diziam sempre isto. E era compreensível que todos os anos se esquecessem de como o tempo invernal podia ser desagradável e agressivo. De ramos despídos e imóveis, as árvores pareciam mortas, como se alguém as tivesse deixado ali, planeando voltar mais tarde para as levar; todas as janelas das casas estavam bem fechadas, como se costuma fazer no caso de as habitações ficarem desocupadas durante muito tempo; quando saíam para a rua, as pessoas andavam depressa, como se fizessem alguma coisa secreta, como se não quisessem dar nas vistas, como se corressem o risco de se dissolver se passassem demasiado tempo no exterior, ao frio. Ansiava por ver alguém a um canto, tentando chamar a minha atenção, querendo meter conversa comigo, alguém resmoneando para si mesmo, numa voz que eu entreouvísse, sobre um Deus que concede amor e misericórdia tanto aos justos como aos injustos!

Escrevi para casa a dizer que era tudo muito bonito, usando palavras e expressões cheias de floreios, como se vivesse num postal ilustrado — daqueles que têm uma fita de cetim com rosas e corações acolchoados a que se espera que o remetente dê valor, a ponto de o fabricante os proteger com uma folha de plástico à frente. Todas as pessoas a quem escrevi responderam que era um prazer receber notícias minhas e saber que as coisas corriam bem, que sentiam muitas saudades e que estavam ansiosas pelo dia do meu regresso.

Um dia, a criada que declarara não gostar de mim por causa da minha maneira de falar comentou que tinha a certeza de que eu não sabia dançar. Disse que eu não só falava como uma freira como também andava desse modo, e que tudo em mim era tão certinho, que, só de me ver, já se sentia simultaneamente enjoada e cheia de pena. Por isso, talvez cedendo ao segundo sentimento, sugeri que dançássemos, sempre teimando que eu não sabia. Como havia um pequeno gira-discos portátil no meu quarto, daqueles que, quando fechados, parecem um estojo de maquilhagem, ela pôs a tocar um disco que tinha comprado nesse dia. Era uma canção muito popular na altura — três raparigas mais ou menos da minha

idade cantando em harmonia, num tom bem insincero e artificial, sobre o amor e coisas do género. Apesar de tudo, era uma canção muito bonita, precisamente por ser tão insincera e artificial. Ela gostava desta canção, cantava-a a plenos pulmões, e dançava maravilhosamente bem — fiquei espantada com a sua agilidade. Não podia juntar-me a ela e expliquei porquê: as melodias eram muito superficiais e a letra não me dizia nada. Na cara dela, percebi uma só reacção: enjoo total. Por isso, ripostei que também eu conhecia uma ou duas músicas e desatei a cantar uma canção calipso¹ sobre uma rapariga que fugira para Porto-de-Espanha, na ilha da Trindade, para se divertir, sem arrependimentos.

Naquela casa, o agregado familiar era constituído por marido, mulher e quatro meninas, as filhas. Não só marido e mulher eram parecidos, como as quatro filhas eram iguaizinhas aos pais. Nas fotografias da família dispostas pela casa, as seis cabeças louras de diferentes dimensões estavam juntinhas, como num buquê de flores rodeadas por um cordão

¹ Estilo musical afro-caribenho que surgiu em Trindade e Tobago no século XIX, como forma de comunicação entre os escravos africanos. (*N. da T.*)

invisível. Nas fotografias, sorriam para o mundo, dando a impressão de que achavam insuportavelmente maravilhoso tudo o que nele havia. E não eram fingidos, os sorrisos. De todos os sítios por onde tinham passado — e parecia que tinham viajado por todo o mundo —, haviam trazido uma pequenina recordação, de que todos sabiam narrar a história, desde o princípio dos princípios. Mesmo quando caía uma chuvinha, admiravam o modo como esta riscava o ar.

Ao jantar, quando nos sentávamos à mesa — não tínhamos de dar graças (um grande alívio, como se não fosse preciso agradecer, a torto e a direito, ao Deus em que acreditavam) —, diziam coisas tão simpáticas uns aos outros, e as filhas eram tão felizes! Deixavam cair comida, ou não comiam nada, ou inventavam versos sobre a refeição, que terminavam com as palavras «cheirava mal». Eu ria-me muito e matutava nos pais que me tinham cabido: só por pensar em palavras destas na presença deles já me teriam repreendido com severidade. Prometi a mim mesma que, se alguma vez tivesse filhos, faria questão de que as primeiras palavras que lhes saíssem da boca fossem repreensíveis.

Uma noite, ao jantar, estava eu com eles há pouco tempo, começaram a chamar-me «a Visita». Disseram que eu não me integrava, que era como

se não vivesse ali em casa com eles, como se não fossem uma família para mim, como se eu estivesse só de passagem, a dizer apenas um longo «Olá!», que logo se transformaria num rápido «Adeus! Até qualquer dia! Foi muito bom!».

Bastava ver o modo como eu os fitava, pasmada, enquanto comiam, sublinhou Lewis. Nunca teria visto ninguém levar à boca uma garfada de juliana de feijão-verde? Mariah riu-se com este comentário, mas reagia assim a quase tudo o que Lewis dizia. Como eu, no entanto, não me ri, Lewis encarou-me com uma expressão preocupada. Disse: «Pobre Visita, pobre Visita», uma e outra vez, em tom compassivo, e a seguir contou uma história sobre um tio que fora para o Canadá, para se dedicar à criação de macacos, mas que, passado algum tempo, se tinha afeiçoado tanto aos bichos e passara a sentir-se tão bem entre eles, que conviver com seres humanos se tornou difícil para ele. Já me tinha contado esta história sobre o tio; desta vez, enquanto ele falava, recordei um sonho que tivera com eles: Lewis perseguia-me pela casa. Eu estava sem roupa. Corria num piso amarelo, como se tivesse sido pavimentado com farinha de milho. Dávamos voltas e voltas pela casa, mas Lewis não me apanhava, apesar de chegar bem perto. Mariah, junto às janelas abertas, dizia: Apanha-a, Lewis, apanha-a. Eu acabava por cair num buraco, no fundo do qual havia cobras prateadas e azuis.

No fim da história de Lewis, contei-lhes este sonho. Quando terminei, ficaram os dois calados. Depois, olharam ambos para mim e Mariah pigarreou, mas foi evidente, pelo modo como o fez, que não precisava de o fazer. Como se nadassem, as duas cabeças louras convergiram uma para a outra e, em sincronia, flutuaram para cima e para baixo. Lewis começou por titubear, mas depois disse: Pobre Visita, coitadinha. Por sua vez, Mariah declarou: O Dr. Freud explica. Não percebi este comentário, porque nunca tinha ouvido falar desse tal Dr. Freud. Então, riram-se de modo polido e amável. Eu contara este sonho para dar a entender que eles já faziam parte da minha vida, porque nos meus sonhos só apareciam as pessoas realmente importantes para mim. Fiquei sem saber se teriam compreendido.

Carregada de referências autobiográficas, nesta obra, como em *Annie John*, Jamaica Kincaid criou uma heroína dotada de uma tremenda clarividência e integridade. A angústia de cortar com o passado e com os laços familiares está no centro deste romance memorável.

«Passei a ver o passado deste modo: há uma fronteira; podemos ser nós próprios a traçá-la, embora, por vezes, a tracem por nós; de qualquer modo, lá está, o nosso passado, a coleção das pessoas que fomos e das coisas que fizemos.»

Lucy nasceu numa ilha das Antilhas, o cenário de férias idílico para qualquer turista, mas que para ela nunca foi senão uma colónia refém do sol e da seca, uma prisão insuportável. A fim de quebrar as amarras e, ao mesmo tempo, libertar-se do amor sufocante da mãe e da cruel indiferença do pai, aos dezanove anos, Lucy decide partir para outra ilha, Manhattan, em busca de um presente e de um futuro só seus. Começa, então, a trabalhar como *au pair* na casa de uma família de classe média. Bonitos, ricos e felizes, Lewis, Mariah e as suas quatro filhas aparentam ser a família perfeita. Porém, Lucy não tarda a aperceber-se das fendas naquela fachada supostamente impecável. É que, na opulenta e vibrante Nova Iorque, como em Antígua, a desolação pode reinar à volta de uma mesa posta.

Perseguida pelo passado, limitada pelas circunstâncias de ser uma mulher negra, Lucy procura na escrita o lugar onde pode ser o que deseja. Com um olhar perspicaz, entre a raiva e a compaixão, intolerante tanto para com os dominados como para com os dominadores, tentará então reinventar-se à luz de quem foi e de quem poderá vir a ser.



Autora vencedora dos prémios:

**Guggenheim Award for Fiction ★ Prix Femina Étranger
Royal Society of Literature ★ Paris Review Hadada Prize**

«Uma escritora irresistível e avassaladora, esplêndida na sua simplicidade.»

SUSAN SONTAG



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[alfaguaraeditora](#)

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-602-4



9 789895 483602 4